

fiapo

ALFREDO GUIMARÃES GARCIA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

PRIMEIRO DIA

Sexta-feira, 26 de agosto de 2016

Então, estávamos ali, na sala de espera do editor fodaço da região amazônica, um tanto espremidos no sofá, diante da mesinha de centro cheia de revistas velhas – uma delas devia ser tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan): era uma Veja de 1992! – e ao lado de uma secretária mais parecia uma gárgula a nos espiar constantemente, como se aguardasse um movimento em falso nosso; ora, como se não podíamos nem nos movimentar naquela poltrona de uma napa das mais escrotas, que parecia gritar assim: “Ei, eu sou um móvel reformado, porra!”

Estávamos ali, então, eu e o nobre Jaymme Hessenn, escritor também considerado foda por boa parte de uma pequena, mas fidedigna plateia que o seguia há uns dez anos ao menos nas redes sociais, isso desde o tempo do Orkut. Agora ele se dividia entre um perfil no Instagram, duas contas no Facebook, dois canais no YouTube, um podcast com outra autora, uma participação em programa de rádio. Hessenn era “O Cara”.

E eu, Jock Liandrone, nascido Joaquim Silas Liandrone, sobrinho-neto de Jorge Liandrone, tinha sido o sujeito de sorte

escolhido – por razões que depois esclarecerei – para ciceroneá-lo durante sua estadia de duas semanas, ou dez dias úteis na Mangueirosa, mais conhecida pelos turistas como Belém do Pará.

Milhões de coisas se atropelaram na minha cabeça quando soube que Hessenn viria para Belém, após mais de uma década e meia distante da cidade. Explico o xis da questão: no longínquo ano de 1992, quando o Brasil passava por uma turbulência política como essa agora de 2016, o Hessenn era um jovem jornalista (certo, não tão jovem assim, quase entrando nos trinta anos...) que acabara de sair da Universidade Federal do Pará e postulava uma vaga no incipiente mercado de trabalho local, que um dia um veterano jornalista, dublê de ator nas horas vagas (ou seria o inverso?), diagnosticou como sendo do “tamanho de um ovo de osga”. Pois o nosso herói J.H. achou seu espaço no quase extinto jornal “Folha da Província”, à época ainda nas mãos dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, e que possuíam no Pará um jornal impresso, rádios e uma emissora de TV. Fez carreira razoável por lá, chegando a ser editor de Cultura e Espetáculos no jornalismo impresso, apresentador de um programa de rádio, o “Letras & Música”, numa FM, e fez produção para o telejornalismo do grupo. Mas, na verdade mesmo, o que fez J.H. ficar conhecido pra valer foi um livro que saiu no ano seguinte ao impeachment de Fernando Collor de Mello, que ele acompanhou como jornalista. Tratava-se de “O Lobo Magro da Campina”, uma biografia *sui generis* sobre meu tio-avô Jorge Liandrone, um veterano homem das Letras nas terras paraenses, misto de jornalista e chamado *self-made man*, intelectual à moda antiga autodidata.



Existe um depoimento do Hessenn no canal do YouTube chamado “Eles viveram a História”, em que ele fala desses anos tumultuados da vida dele e do Brasil.

— Os anos 1990... Então, o que posso dizer é que foram anos de transformação. Toda transformação como todos sabem – ou ao menos deviam saber – se dá por etapas cíclicas. Nada, mas absolutamente nada mesmo, muda da noite para o dia. E como aqui falamos de mudanças sociais, então, já viu né? Essas etapas de que eu falei são lentas, gradativas, morosas mesmo. Repara bem: vivemos uma Ditadura Militar de 1964 a 1985. Foi uma dura travessia para o país. Dom Helder Câmara, uma das raras vozes da Igreja Católica a confrontar os militares disse algo similar certa vez em uma entrevista.

(Aparece a imagem de D. Helder dando entrevista);

— O papa sabe muito bem o que eu digo e o que eu faço. Quando denuncio as torturas no Brasil, o papa fica sabendo. Quando eu luto pelos prisioneiros políticos e pelos pobres, o papa fica sabendo. Quando eu viajo ao exterior para exigir justiça, o papa fica sabendo. Ele já conheceu minhas opiniões porque nós nos conhecemos há algum tempo, desde 1950, para ser exato, quando ele era secretário de Estado do Vaticano para Assuntos Ordinários. Não escondo nada dele, nunca escondi. E se o papa achasse errado fazer o que faço, se ele me pedisse para parar, eu pararia. Eu sou servo da igreja e conheço o valor do sacrifício.

(Câmera volta em Hessenn. Ele coça o queixo. Depois fala, compassadamente)



— Estás entendendo a dimensão das coisas? Controle social. Total! A Ditadura Militar no Brasil, longe de ter sido o piquenique com os milicos, como alguns hoje em dia insistem em tirar o foco da verdade, e desvirtuar uma época braba, de repressão, como se tudo fossem flores. Essa ditadura foi criminosa! Indubitavelmente. Aí vieram depois da Anistia em 1979, com esse papo de deixar de lado as punições, que seria puro revanchismo, essas besteiras. Nada disso eu concordo! No meu entendimento tinha que existir sim uma punição exemplar para quem saiu da legalidade. E não foram poucos! Hoje já temos uma noção de que o que aconteceu foi um conluio de boa parte da sociedade civil, leia-se empresariado, com militares com fome de poder. Tinha que dar no que deu.

(A câmera apanha Hessenn acendendo um cigarro. Depois ele apanha um copo com água e toma um pouco. Volta a falar).

— Então... A Lei da Anistia é do governo do João Figueiredo... Aquele que gostava mais de cheiro de cavalos do que do cheiro do povo.

(Uma tela seguinte, após a fala de Hessenn, um QP (quadro parado) diz o seguinte):

“Figueiredo e a Lei da Anistia

O Governo de Figueiredo (1979-85) durou 6 anos e colocou fim ao período ditatorial. Em 1979, foi promulgada a Lei de Anistia. Aos poucos, presos políticos foram sendo libertados e os exilados voltaram ao país.

Uma polêmica sobre a Lei de Anistia é que ela excluía os guerrilheiros condenados por atos terroristas, mas incluía os

agentes de repressão policial e militar, responsáveis por violações aos direitos humanos, como torturas e mortes.”

Fonte: <https://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>

(A câmera dá um close no rosto de Hessenn. Ele pisca. Coça a cabeça, passa as mãos nos cabelos em desalinho.)

— É, foi foda encarar isso... Meu grande amigo Jorge Lian-drone, já falecido, que viveu as duas épocas desse teatro de vampiros, dizia que os militares queriam empurrar todo o lixo para baixo do tapete. Porra! Teria que ser um tapete gigantesco, levando-se em conta a merda imensa que fizeram com o país. Mas havia os compadres concordinos da vida, os vaqui-nhas-de-presépio, os tancredistas que chegavam com um cami-nhão-pipa quando o incêndio era iminente... Sabem como é: porteira que passa um boi, passa uma boiada... Ali o proces-so de redemocratização começou a dar errado... Como podia dar certo? Não se punia os repressores, se deixava para depois? Nunca ia dar certo! Nunca! Mas, como dizem, na democracia a maioria sempre vence – embora alguns ainda entendam que “toda unanimidade é burra”. Passou a boiada com os vaqueiros e oligarcas juntos!

(Uma outra tela, após a fala de Hessenn informa a seguir, num novo quadro parado (QP), com uma voz masculina forte narrando):

— A partir desse momento, tornou-se possível a criação de novos partidos políticos, muitos desses existem até hoje. Mas essa abertura do final do regime não era aceita por todos os mi-litares, algumas alas desejavam manter a ordem vigente. Con-siderado um ato de terrorismo, militares contrários à abertura

explodiram uma bomba num centro de convenções no Rio de Janeiro durante uma comemoração ao Dia do Trabalho, em 1981. Neste caso também não houve investigações ou punições.

Fonte: <https://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>

Hessenn volta a falar pausadamente, como se estivesse numa sala de aula, dando uma palestra.

— O resto é História. Que a geração do meu amigo Lian-drone fez, que a minha deu continuidade. Fomos para as ruas. A famosa campanha das Diretas Já. Aquela era uma esperança na qual, sinceramente, muitos companheiros e companheiras, nem punham muita fé. Mas a gente pegou o touro na unha. Podem ver os compêndios e os jornais da época. Havia muita resistência dos militares. Mesmo dentro da oposição se dizia que estávamos colocando o carro na frente dos bois.

(Enquanto Hessenn vai falando aparecem na tela imagens de jornais da época, filmagens sobre os comícios gigantescos pedindo as “Diretas Já!”. Depois vem um outro QP).

“As Diretas Já foi um movimento popular ocorrido entre os anos de 1983 e 1984 que defendia a aprovação, no Congresso Nacional, da Emenda Constitucional 05/1983, proposta pelo deputado federal Dante de Oliveira (PMDB/MS) para a realização de eleições presidenciais diretas em 1985. Foi um movimento que reuniu diversas lideranças políticas, artistas, intelectuais e que realizou diversos comícios em várias capitais brasileiras. Era a primeira vez desde 1968 que a população se mobilizava para ir às ruas fazer manifestação.”

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/diretas-ja.htm>

— Vocês vejam que, hoje, avaliando de fora aquele movimento suprapartidário, distantes no tempo e no espaço, podemos dizer: “Estava na cara que não ia dar certo!”. Ocorre que nós não tínhamos mais nenhuma opção. É algo que fugia da lógica. Era surreal, como quase tudo no Brasil. E fomos para as ruas. Com medo, muitos de nós. Mas fomos! Lembro de um megacomício que houve em Belém, acho que pouco antes da votação da emenda no Congresso Nacional. A avenida, que então ainda se chamava Primeiro de Dezembro, estava apinhada. Se fosse feita uma imagem do alto era semelhante ao Círio de Nazaré que leva milhões às ruas no mês de outubro. Muita gente. Muitos discursos. Tancredo Neves lá no palanque. Eu e alguns camaradas chamávamos de vovô Tancredo. Sempre chegava para apaziguar. *Tancredinho* Paz e Amor. Ulisses Guimarães era um pouco mais do confronto. Discursos e mais discursos. Aplausos e mais aplausos. Depois a dispersão.

Como ainda era razoavelmente cedo fomos para um bar perto da Escola Superior de Educação Física. Era o Lennon’s Bar. O dono do local era quase uma cópia do John Lennon! Usava até aqueles óculos redondinhos, embora se dissesse que nem precisasse de óculos. Lá nos deparamos com uma turma bem animada. Eram professores da UFPA, ativistas, intelectuais. Bebiam, conversavam e, quando ia cair no marasmo do silêncio coletivo, gritavam: “DIRETAS JÁ! DIRETAS JÁ! DIRETAS JÁ!” E todos no bar aplaudiam e assoviavam como se fosse a final de uma Copa do Mundo em que o Brasil já era o favorito para ganhar fácil, fácil o caneco. Pois é... favas contadas. Só precisava combinar com os adversários. Estes não

foram para as ruas. Ficaram quietinhos ouvindo nossas roucas vozes. Só ali com eles, amalhando os cobres, juntando as forças de direita e centro. Caladinhos plantando um pé de “Cá te espero”. Na moita. A gente nas ruas, inflando um monte de gente de esperanças, se autocensurando, já que não podíamos levar as bandeiras partidárias para exibir, orgulhosamente, e dizer que estávamos ali com foices, martelos e muita vontade de derrubar no voto aquela insana Ditadura Militar que há quase vinte e cinco anos não nos deixava votar para Presidente da República! Tudo isso para dar no que deu. Para nadar e morrer na praia. Para correr em busca do prêmio e descobrir que ele era ouro de tolo. Fantasia. Miragem. Aquele dia acho que durante muito tempo ficou entalado na garganta de muita gente.

(Imagens em movimento dos comícios; fotos de capas de jornais. Imagens do dia da votação. Closes de Dante de Oliveira, autor da emenda. Narrador masculino fala em cima dessas imagens.)

— A “Emenda Dante de Oliveira” foi votada pelo Congresso Nacional no dia 25 de abril de 1984. A população que ativamente participou dos comícios pelas Diretas agora aguardava o resultado. A votação foi transmitida ao vivo pela televisão. Porém, mesmo com a abertura política a todo o vapor, os militares queriam exercer a sua força arbitrária.

Apesar de todo o apoio que teve, a emenda não foi aprovada no Congresso. Durante a votação, estavam presentes 479 parlamentares e, para a emenda ser aprovada, eram necessários 320 votos. A Emenda “Dante de Oliveira” teve 298. Faltavam apenas 22 votos para atingir os 2/3 necessários. Quando o

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2021.
